



Quinteto de
ASSOMBROS

ALGERNON BLACKWOOD | AMELIA B. EDWARDS
EDGAR ALLAN POE | E. F. BENSON | WASHINGTON IRVING

Tradução
Chico Lopes

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019

Sumário

- 16** **Algernon Blackwood**
MANTENDO A PROMESSA
- 42** **Amelia B. Edwards**
A CARRUAGEM FANTASMA
- 56** **Edgar Allan Poe**
OS FATOS SOBRE O CASO DO SR. VALDEMAR
- 72** **E. F. Benson**
A CONFISSÃO DE CHARLES LINKWORTH
- 98** **Washington Irving**
A AVENTURA DO ESTUDANTE ALEMÃO

Apresentação

O que é um fantasma?

Com essa pergunta o cineasta mexicano Guillermo Del Toro dá início a um monólogo que abre e encerra um dos seus primeiros e mais marcantes filmes, *A Espinha do Diabo*, de 2001. Uma escolha curiosa pela aparente obviedade. Afinal, quem não sabe o que é um fantasma? No Brasil, com sua forte influência espírita, a resposta poderia vir sem a menor hesitação: um fantasma é o espírito de alguém que morreu. Simples assim.

*...um momento terrível condenado
a se repetir de novo e de novo?*

Mas é claro que uma “definição” tão simples não dá conta de abarcar o inefável evocado por essa palavra, muito menos sua gigantesca influência na ficção de horror desde suas raízes na tradição gótica clássica até os desdobramentos multimídias atuais. Em seu *Dança Macabra*, célebre ensaio

sobre o horror na cultura de massa do século XX, o escritor Stephen King se dispunha a propor três grandes “arcãos de tarô” (adensados em três grandes clássicos do gótico) para nos ajudar a compreender certos aspectos arquetípicos que perpassam o gênero. Na visão de King, reencontraríamos esses arcãos repetidamente em quase toda a ficção de horror, em diferentes facetas e variações. *Grosso modo*, seriam eles o *monstro* (a “coisa não humana” que, por sua própria existência, reafirma nossa humanidade, evocando *Frankenstein* de Mary Shelley), o *vampiro* (o mal exterior que mantém sua própria existência alimentando-se de nossa essência e fraquezas, remetendo ao *Drácula* de Bram Stoker) e o *lobisomem* (o mal interior, o dionisíaco oculto sob nossa fachada apolínea, cujo grande representante literário seria *O Médico e o Monstro* de Robert Louis Stevenson).

...um instante de dor, talvez?

Porém, quando chega o momento de identificar um quarto arcano, o *fantasma* (quem sabe vinculado a algo como *A Volta do Parafuso* de Henry James), King hesita, brinca um pouco com a ideia e, no fim, não chega de fato a afirmá-la. Isso porque o “fantasma” acaba se mostrando um tanto mais fugidio a definições. O fantasma, afinal, pode abarcar o papel do monstro, quando a aparição não guarda a menor correspondência com o que entendemos como humano. M.R. James, possivelmente o maior autor de *ghost stories* das letras britânicas (e já publicado pela Penalux no volume *Assovie*

Que Virei) raramente escrevia sobre algo que pudesse ser facilmente chamado de “espírito”, com suas aparições grotescas, indefinidas, por vezes semelhantes a insetos e/ou outras criaturas curiosamente peludas.

...algo morto que parece, por um momento, ainda vivo?

Também não é incomum que a meia-vida que anima a forma fantasmagórica (ou, se preferir, ectoplasmática) aparente ser de algum modo “nutrida” pela essência vital dos ditos “assombrados” que, não raro, definham ou enlouquecem em sua mera presença. Não por acaso, contos que aparecem em coletâneas sobre fantasmas também costumam aparecer, sem a menor cerimônia, em coletâneas sobre vampiros (vide clássicos como “Schalcken, o Pintor” de Sheridan Le Fanu, ou “A Casa Abandonada” de H.P. Lovecraft) e até mesmo certas escolas do cinema de horror europeu, particularmente o ciclo gótico italiano nos anos 60, são repletas de fascinantes “fantasmas-vampiros”, como no maravilhoso *Castle of Blood* de Antonio Margheriti.

...um sentimento congelado no tempo?

Por fim, ao debruçar-se com mais cuidado sobre o próprio *A Volta do Parafuso* e sobre *A Assombração da Casa da Colina* de Shirley Jackson, King reconhece que a clássica indefinição se o fantasma é mesmo uma entidade com existência independente ou apenas uma projeção da mente de quem o vê

(ou, numa variação talvez mais sofisticada, uma projeção que efetivamente ganha existência conforme vai sendo vista), parece remeter ao arcano do lobisomem. O fantasma como uma “extensão” do assombrado, duas faces da mesma moeda, o mal interior exteriorizado. “Quem é você?”, pergunta o protagonista de *História de Fantasmas*, de Peter Straub, e a criatura que às vezes aparece como uma mulher, às vezes como uma criança e outras como algo que sequer parece humano, responde: “Eu sou você”.

...como uma fotografia borrada?

O fantasma parece atravessar (sem trocadilho) todas as nossas tentativas de classificação, definição e fronteiras, quase como um curinga no suposto tarô de King, e suspeito que essa estranha intangibilidade seja parte do que lhe dota de tamanha potência. De certo modo o fantasma é simultaneamente familiar e alienígena, reconhecível mas permanentemente estranho. Em geral, pessoas que lidam sem maiores problemas com histórias de vampiros, lobisomens ou monstros acabam não dando conta de encarar histórias de fantasmas (confesso que as poucas obras que já me fizeram voltar a ter receio do escuro depois de adulto eram sobre fantasmas, como “Chá Verde” de Le Fanu). Claro que poderíamos justificar tudo isso com a velha explicação de que, ao contrário de vampiros, lobisomens e monstros, temos mais dificuldade de ter convicção de que os fantasmas não existam de verdade. Mas, até aí, sabemos por certo que *serial killers* existem,

mas o medo que sentimos de assassinos e outros perigos reais e concretos sinceramente não se compara com o *frisson* que a ideia do fantasma provoca. O medo da violência e da morte puramente físicas não tem como disputar com o medo de ser tocado por um fantasma.

...como um inseto apanhado em âmbar?

Essa é a tese de Lafcádio Hearn em seu notável conto/ensaio “Toque de Pesadelo”. Por mais que, é claro, não faltem na literatura, cinema ou mesmo mitos histórias sobre fantasmas que comem pessoas, arrancam cabeças ou param corações (especialmente no folclore japonês, seu maior campo de interesse), Hearn defende que o que realmente tememos é que o fantasma nos toque. Como King, Hearn não consegue definir muito bem o que isso significa, vagamente especulando a respeito de memórias ancestrais e reminiscências ao terror sagrado do caçador-coletor primitivo imaginando ouvir vozes nas sombras do fundo da caverna. Mas para além de quaisquer explicações, literárias ou psicológicas, há algo de maravilhosamente ressonante em como essa frase soa: “o que realmente tememos é sermos tocados pelo fantasma”.

E, de fato, se há algo em comum entre os contos selecionados para a presente coletânea (além de sua efetiva qualidade literária e importância no contexto da literatura gótica do século XIX e começo do XX) é que de um modo ou de outro todos tratam de personagens que, inadvertida ou intencionalmente, acabam se deixando tocar por fantasmas. Temos

aqui um caçador perdido na neve no conto “A Carruagem Fantasma”, da célebre autora (e egiptologista!) britânica, quase inédita em português, Amelia B. Edwards, que sem se dar conta acaba se tornando parte de um desses típicos *momentos terríveis condenados a se repetir de novo e de novo*. Também temos um jovem estudante que numa noite solitária se dispõe a acolher e (literalmente) alimentar *algo morto que parece, por um momento, ainda vivo* em “Mantendo a Promessa”, de Algernon Blackwood, prolífico autor do clássico do horror cósmico, “Os Salgueiros”, e criador de John Silence, um dos mais famosos detetives do sobrenatural da literatura. Silence, aliás, por certo aprovaria o impulso que leva Edgar Allan Poe, autor e protagonista de “Os Fatos Sobre o Caso de Sr. Valdemar” (ora, vamos, quem mais seria o “Sr. P..”?), a capturar, *como um inseto apanhado em âmbar*, um moribundo no instante intermediário entre a vida e a morte, uma proeza, diga-se de passagem, efetivamente realizada através de “toques”, os passes e procedimentos do mesmerismo*. Esse mesmo tipo de impulso é o que leva o médico e estudioso do oculto da narrativa de E. F. Benson (cujos contos “O Quarto da Torre” e “A Coisa no Hall” são bons exemplos daqueles que me fizeram voltar a ter medo do escuro) a dar toda a sua atenção para aquela voz tênue *como uma fotografia borrada* ecoando ao telefone e garantir que a “A Confissão de Charles Linkworth” chegasse aos ouvidos aos

* O uso do magnetismo animal e hipnotismo no tratamento e cura de doenças, segundo o método e prática do médico alemão Franz Anton Mesmer 1734-1815.

quais se destinava. Nesse ponto da leitura é possível que já estejamos começando a intuir que não é o medo necessariamente a emoção que mais nos toma, mas sim a angústia, um aperto no coração diante de imagens, ao mesmo tempo belas e terríveis, que reverberam infinitamente *instantes de dor*. E que imagem poderia representar de forma mais absoluta *um sentimento congelado no tempo* do que uma jovem em lágrimas aos pés da guilhotina nos anos do Terror pós-revolucionário na França, em “A Aventura do Estudante Alemão” do grande escritor americano Washington Irving, autor de uma das mais conhecidas histórias de fantasma de todos os tempos, *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça*?

Ao fecharmos o livro, talvez o “toque do fantasma” já não nos pareça mais algo tão indefinido assim. O medo em si nunca foi o objetivo primordial do horror gótico. “Ter medo” é algo vago, relativo. Algumas pessoas, diante de um conto, um filme, uma imagem, dão de ombros dizendo “isso não me dá medo”, enquanto outras, diante da mesma imagem, sentem o sangue gelar, o coração parar e a razão soçobrar. E a diferença talvez não seja mais do que se deixar ou não tocar. Medo é apenas um dos elementos que compõem o coquetel de temas que o horror explora. O verdadeiro coração do gótico é a melancolia perante os mistérios da vida e da morte, da existência ou não de algo além, da condição humana, enfim, encarada em seus aspectos mais sombrios. As matérias primas do horror são a culpa, o arrependimento, o pesar, a carência, a maldade, os sentimentos ruins que machucam, os venenos do espírito cristalizados e perpetuados na forma de imagens,

literárias, filmicas, gráficas... imagens potentes... imagens que tocam... o toque que tanto tememos... e desejamos. O toque do fantasma talvez nos lembre que, afinal, cada personagem de cada história já imaginada não é outra coisa senão um fantasma. Cada palavra que lemos no papel não passa da reverberação das vozes dos fantasmas, cada ator capturado em celuloide nada mais é que um fantasma, cada retrato pintado ou fotografado, cada eu-lírico, enfim... cada imagem... fantasmas... apenas fantasmas.

O gótico é um coração partido... e sermos tocados sempre foi, afinal, a verdadeira razão de estarmos aqui.

*Um fantasma...
É isso que sou.*

RODRIGO EMANOEL FERNANDES

Reminiscências de um Lorde Velho
lordevelho.blogspot.com